

A CIÊNCIA DOS RELATOS DE VIAGEM E ESTUDOS DE AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE SOBRE O BRASIL

THE SCIENCE OF AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE'S TRAVELOGUES AND STUDIES ON BRAZIL

RENATA CARNEIRO¹

RESUMO

Neste trabalho analisamos o conhecimento que circulou nos relatos e estudos do botânico francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) a partir de suas viagens pelo Brasil, entre 1816 e 1822. Percebe-se que a partir das observações *in loco*, das trocas de informações com habitantes locais, de referências teóricas brasileiras e das correspondências com outros eminentes homens de ciência da Europa, o botânico produziu um rico material sobre a natureza e sociedade do Brasil. Nota-se que a produção do conhecimento presente nas obras desse naturalista foi dialógica. Identificamos nela, dados que foram conseguidos tanto com pessoas do Brasil e estrangeiras, de formação acadêmica quanto com outras pessoas estabelecidas no país, mas que não possuíam alguma formação. O objetivo desta pesquisa foi compreender o ideário de ciência presente nas atividades que compunham o *métier* desse viajante, o tipo de saber obtido com os diversos agentes e os referenciais teóricos utilizados por ele para embasar e fundamentar seus estudos. A partir dos relatos de viagem e de outras produções de Saint-Hilaire nos debruçamos, em especial, sobre o tema das doenças e práticas de cura observadas por ele no país, uma vez que se percebeu a participação de múltiplos agentes na composição de suas pesquisas acerca dessa temática. Utilizamos como referencial teórico, pesquisas desenvolvidas no campo da historiografia das ciências, a fim de compreender, ainda que de forma ampla, o percurso da história natural e os seus pressupostos conforme tempo-espaço. Após isso, pudemos identificar esses aspectos nos estudos desenvolvidos por Saint-Hilaire sobre o Brasil.

Palavras-chave: Auguste de Saint-Hilaire. História das Ciências. História Natural. Relatos de viagens. Doenças e práticas de cura.

¹ É doutoranda em História das Ciências e da Saúde, no Programa de Pós-Graduação da Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz, com bolsa CAPES. É mestre pela mesma instituição. Possui bacharelado e licenciatura em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É bacharel em administração, com especialidade em Gestão Empreendedora pela Universidade Augusto Motta (UNISUAM). É pesquisadora na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV). É integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa da História das Práticas de Saúde e das Doenças, vinculado institucionalmente com a Universidade Federal do Pará e cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisas do CNPq. Email: carneirorn@yahoo.com.br

ABSTRACT

In this work we analyze the knowledge that circulated in the reports and studies of the French botanist Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) from his travels in Brazil, between 1816 and 1822. It can be seen that from on-site observations, exchanges of information with local inhabitants, Brazilian theoretical references and correspondence with other eminent men of science in Europe, the botanist produced a rich material on the nature and society of Brazil. It is noted that the production of knowledge present in the works of this naturalist was dialogical. We identified in it data that were obtained both with people from Brazil and foreigners with academic training and with other people established in the country, but who did not have any training. The objective of this research was to understand the ideas of science present in the activities that made up the *métier* of this traveler, the type of knowledge obtained with the various agents and the theoretical references used by him to support and ground his studies. Based on Saint-Hilaire's travel reports and other productions, we focus in particular on the theme of diseases and healing practices observed by him in the country, since the participation of multiple agents in the composition of his research on this theme was perceived. We used as a theoretical reference, research developed in the field of historiography of sciences, in order to understand, albeit in a broad way, the course of natural history and its assumptions according to time-space. After that, we were able to identify these aspects in the studies developed by Saint-Hilaire on Brazil.

Keywords: History of Sciences. Natural history. Travel reports. Diseases and healing practices.

INTRODUÇÃO

Muitos viajantes-naturalistas, artistas, cronistas, diplomatas, militares e aventureiros estrangeiros percorreram o continente americano, deixando um enorme legado iconográfico e relatos – baseados em suas concepções de mundo eurocêntricas – que nos permitiram acessar informações acerca da história do Brasil e das Américas². Passado o período napoleônico (1799-1815), os viajantes puderam realizar expedições científicas com menos receio. Isso porque, quando se findou esse período, diminuíram os riscos quanto a

² Para uma melhor compreensão dos diferentes atores que viajaram pelo Brasil desde o Brasil colônia, ver CARNEIRO, Renata. *A relação entre natureza e sociedade nos relatos de viagem de Auguste de Saint-Hilaire sobre Minas Gerais e Goiás (1816-1822)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação de História da Saúde e das Ciências da Casa de Oswaldo Cruz/ FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2023, p.50-60.

integridade física dos viajantes e a de suas coletas de material botânico. Segundo Lorelai Kury, “a partir de então, o risco de serem presos, tomados por espões ou de terem suas coleções confiscadas diminuiu fortemente” (KURY, 2021, p.19).

Nas viagens ocorridas a partir das primeiras décadas do Oitocentos, nota-se homens mais especializados no campo da botânica e da história natural, cuja missão era, sobretudo, explorar os recursos para que esse conhecimento pudesse ser útil ao seu país de origem e ao país visitado. Essa motivação aparece em vários momentos nos relatos do botânico francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), que viajou pelo Brasil entre 1816 e 1822. O viajante chegou ao país com a Comitiva do Duque de Luxemburgo, na época embaixador da França junto a Portugal, que tinha entre seus objetivos resolver questões relativas à posse da Guiana, tomada por Portugal em 1809, quando das Guerras Napoleônicas.

Saint-Hilaire pertencia à nobreza de função por parte paterna, e sua família materna desenvolvia atividades ligadas ao comércio açucareiro de Orléans, na França. O viajante não possuía formação acadêmica na área de história natural, mas, segundo Lorelai Kury (2021), ele era reconhecido academicamente como um naturalista. Isso porque, ainda de acordo com a autora, herborizar, construir herbários e circular em espaços de sociabilidade científicos fizeram parte da vida do francês. A historiadora ressalta que antes de viajar para o Brasil, ele já havia publicado importantes artigos em revistas do mundo das ciências³. Saint-Hilaire manteve correspondências com o Ministro do Interior, destacando que sua viagem junto à Comitiva do Duque seria útil para a França. O viajante, consegue então, se integrar à expedição, além de receber do governo um financiamento para desenvolver seus estudos no Brasil. Cabe destacar que, o apoio financeiro para essa empreitada era de suma importância, pois grandes eram suas despesas, como destacou Pinheiro (2024): os instrumentos para o trabalho de botânica, como facas, tesouras, papel, papelão, cordas, vidros para as sementes; os artefatos de registro visual de desenho

³ Publicou no Bulletin da Société des sciences physiques et médicales, et d'agriculture d'Orléans; Bulletin de la Société Philomatique de Paris; Mémoires du Muséum d'Histoire naturelle de Paris.

manuais; a compra de livros que apoiassem e instruísem as práticas de campo; os gastos da viagem em si, como o transporte, como o navio, que foi utilizado no Oitocentos. Apesar desses gastos, para o governo, patrocinar esse tipo de viagem era uma das formas de se adquirir conhecimento útil sobre a natureza e sociedade. Já para os naturalistas, com os resultados das viagens poderiam se destacar no mundo científico.

O botânico percorreu então as capitanias do Rio de Janeiro, do Espírito Santo, de Minas Gerais, de Goiás, de São Paulo, do Paraná, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul e a República da Cisplatina. Saint-Hilaire pôde comunicar o resultado de sua viagem por meio de diversas obras. Para esta pesquisa estamos utilizando seus estudos acerca das plantas consideradas por ele as mais importantes do Brasil, e que foram descritas em *Plantes Usuelles des Brésiliens* (Plantas usuais dos brasileiros), em 1824. Além dessa obra utilizaremos a sua *Voyages dans L'intérieur du Brasil* (Viagens pelo interior do Brasil), editadas em oito volumes, entre 1830 e 1851, e redigida em diferentes cidades da França.

Neste trabalho, buscamos compreender o conhecimento presente nos relatos de viagem e em outras produções de Saint-Hilaire sobre as regiões brasileiras que ele percorreu. Esse naturalista, no bojo de sua pesquisa botânica, acabou produzindo ainda estudos sobre cultura e sociedade. Busca-se com a análise de suas produções identificar o ideário de ciência presente nas atividades de seu *métier*. Nos registros feitos por esse botânico, identificamos que além das observações *in loco* e da utilização de teorias científicas propagadas pelo mundo europeu, ele buscou referências no próprio Brasil. Portanto, para a compreensão sobre o tipo de conhecimento que circulou em suas pesquisas, torna-se importante levar em consideração tudo o que envolveu suas atividades, como, a motivação da viagem, o contexto histórico e a forma como a qual ele construiu suas narrativas de viagens e estudos sobre o Brasil.

Esta pesquisa está dividida em duas partes. Na primeira, apresentaremos alguns estudos desenvolvidos no campo da historiografia das ciências que nos ajudaram a compreender o percurso do desenvolvimento da história natural e seus pressupostos, sobretudo no século XIX. Após a compreensão desses

aspectos é que se buscará, na segunda parte desta pesquisa, identificar esses aspectos nos estudos e descrições do país feitos por Saint-Hilaire. Com isso, busca-se compreender o conhecimento que fundamentou e embasou o olhar de Saint-Hilaire sobre o que observou no Brasil, especialmente acerca do tema da saúde e das doenças.

A relevância desta pesquisa se encontra na possibilidade de ampliação do escopo analítico, já iniciado por outros pesquisadores da história das ciências, entre eles Lorelai Kury, Karen Lisboa e Pablo Diener, que se dedicam a estudos de viajantes; Nelson Sanjad, que estuda carreiras científicas; Maria Margaret Lopes, Sílvia F. Figuerôa e Alda Heizer, que pesquisam sobre o papel da divulgação científica. Esses autores vêm há muito complexificando o olhar sobre os diários de viagens e as descrições de viajantes que estiveram no Brasil no século XIX. Contudo, neste novo trabalho o foco central é no tema das doenças e práticas de cura nesse tipo de produção, que ainda não foi explorado de forma específica e profunda. Buscar pelo tipo de ciência desenvolvida por Saint-Hilaire nas décadas iniciais do Oitocentos, representa uma forma de produzir um novo olhar sobre os relatos desse naturalista, e compreender por que ele se preocupou em observar, no bojo de sua pesquisa de botânica, aspectos sobre as doenças e as práticas de cura no Brasil.

1. ASPECTOS DO DESENVOLVIMENTO DAS CIÊNCIAS NATURAIS NO TEMPO-ESPAÇO

Quando buscamos compreensão sobre o conhecimento que circulou nos relatos dos homens de ciências⁴ do Oitocentos, é importante atentar-nos ao fato de que o conceito de “ciência”, ainda hoje, não está totalmente definido⁵. Porém,

⁴Nossa referência aqui aos “homens de ciência”, é àqueles, como destacou Lorelai Kury, além de estarem antenados com as teorias filosóficas e científicas vigentes na Europa, participavam da chamada República das Letras como cidadãos. Alex Varela, ao analisar a trajetória de José Bonifácio, destaca o fato de muitos destes homens de ciência serem basicamente funcionários do Estado, recebendo apoio e financiamento da Coroa (KURY, 2004; VARELA, A.G.:LOPES, M.M. E FONSECA, M. R. F. da., 2005).

⁵ Consideramos que o conceito de “ciência” ainda não está definido, uma vez que existem diversos tipos de conhecimentos gerados. O conhecimento científico – que parte de uma investigação no mundo das ciências naturais – é um deles. Outra questão que torna a definição de ciência mais complexa é o fato de ela não lidar com verdades e conclusões fechadas em si,

alguns estudos, ao buscarem entendimento sobre como o conhecimento científico é construído, conseguiram estabelecer algumas características comuns dos trabalhos científicos. Nos estudos sobre a história das ciências, identificamos que há várias formas de se produzir ciência. Objetivando compreender o tipo de pesquisa que Saint-Hilaire realizou sobre sua viagem ao Brasil, buscamos, primeiramente, pela definição do conceito de “ciência” para o período que estamos tratando aqui. Entre as definições do termo, presentes no *Dicionário de conceitos históricos*, está:

A ciência pode ser entendida tanto como processo de investigação para se chegar ao conhecimento quanto como o conjunto de conhecimentos construído com base na observação empírica do meio natural e social, que tem como finalidade fornecer fundamentos que permitam à humanidade viver mais e melhor no mundo que a cerca. Nesse sentido, a ciência, em muitas de suas faces, pode trabalhar em associação com a aplicação prática desses conhecimentos, a tecnologia (SILVA & SILVA, 2009, p.55).

Identifica-se o utilitarismo na definição de ciência descrita no trecho supracitado. No caso das viagens exploratórias, como as de Saint-Hilaire, esse utilitarismo poderia se dar a partir da observação e do estudo dos recursos e da civilização encontrados nas regiões visitadas, para após isso serem aplicados em nome do progresso⁶ da humanidade. Luiz Carlos Soares (2020) destaca que a visão de uma ciência empirista, que vem da experiência prática e que foi fortemente propagada por teóricos do século XVII⁷, apontava para um conhecimento a ser “aplicado” às necessidades da população. Cabe dizer que, regressamos ao Seiscentos para entendermos melhor o percurso da história natural até chegarmos ao panorama científico nos dias de Saint-Hilaire. Isso porque, aqui estamos trabalhando com a ideia de que a história não é estática e nem linear, assim como a ciência não é um grande acúmulo de ideias, mas, é

pois com o tempo e com o ganho de novas tecnologias, a ciência pode ser mutável, o que faz dela não dogmática e aberta a críticas quanto as suas evidências.

⁶O termo, “progresso” aqui se refere às questões ligadas ao desenvolvimento humano, à produção material e ao bem-estar promovidos a partir da racionalização e do cientificismo daquele contexto.

⁷[John Locke](https://humanidades.com.br/john-locke/) (1632-1704) foi considerado “pai” do que se convencionou chamar de “empirismo britânico”. Em *Ensaio Sobre o Entendimento Humano*, Locke descreveu a mente humana como uma *tabula rasa*, e, somente mediante a experiência é que as ideias iam surgindo. Disponível em: <https://humanidades.com.br/john-locke/> Acesso em 06 de outubro de 2024.



desenvolvida a partir de interações, rupturas e continuidades. Dessa forma, alguns aspectos presentes na construção do conhecimento entendido como “científico” podem coexistir em diferentes temporalidades.

Luzia Aurelia Castañeda estudou o percurso da história natural entre o final do século XVII – quando do seu florescimento – e o século XVIII. Segundo a autora, “a história natural tratava aquilo que foi naturalmente criado por Deus” (1995, p.34). No final do Seiscentos, ancorado nas ideias do mecanicismo, entendia-se que o Universo era composto por partes menores que interagiam entre si, seguindo seu curso naturalmente e sem nenhum tipo de interferência divina. Castañeda salientou que “é nesse contexto epistemológico que a história natural se vincula ao paradigma metodológico de física newtoniana⁸, pois parte-se da observação imediata dos fenômenos, seguida de sua decomposição, para depois efetuar uma síntese que permitirá a generalização” (1995, p.35). A autora ressalta que o método das ciências naturais foi passando cada vez mais a ter foco no conhecimento do processo, pois entendia-se cada vez mais que a natureza não deveria somente ser agrupada e classificada, mas, os dados empíricos, as informações obtidas da observação deveriam se articular.

O método que consistia somente no agrupamento e na classificação da natureza, difundido no século XVII, tornar-se-ia insuficiente no período ilustrado⁹. Entretanto, já no Setecentos, novas abordagens sobre ciência começaram a surgir e um novo ideário foi gradativamente se impondo. Com novos valores morais, mentais e nova visão sobre a natureza humana, buscou-se entender também a essência do homem para a compreensão da essência da própria natureza. Ao analisarmos os relatos de viagem de Saint-Hilaire produzidos no Oitocentos, vemos refletir tanto os pressupostos científicos do século XVII

⁸ A física newtoniana, como o próprio nome indica, foi estabelecida pelo físico e matemático inglês [Isaac Newton](#) (1642-1727). Newton estabeleceu um sistema de leis e princípios, alargado com as contribuições de outros cientistas e filósofos nos séculos XVIII e XIX. Segundo a física newtoniana, o universo é regido por leis matemáticas imutáveis, que permitem a descrição completa da evolução de qualquer corpo no espaço e no tempo, conceitos estes absolutos, independentes do observador. In: [Porto Editora – física Newtoniana](#) na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$fisica-newtoniana](https://www.infopedia.pt/$fisica-newtoniana). Acesso em 06 de outubro de 2024

⁹ Ilustração, Iluminismo ou Século das Luzes é o nome dado ao movimento reformador advindo do Antigo Regime entre os séculos XVII e XVIII. Suas ideias se baseavam, sobretudo, no aperfeiçoamento da razão.

quanto o das Luzes. Apesar de o trabalho de história natural desenvolvido por ele ter encontrado eco na ciência taxonômica¹⁰, que descrevia, identificava e nomeava os seres vivos segundo aspectos morfológicos, fisiológicos e reprodutivos, percebe-se que Saint-Hilaire foi além disso, quando buscou também a compreensão tanto do funcionamento da natureza quanto da população que com ela interagia.

Percebe-se que quando a percepção da humanidade sobre o mundo natural começou a se modificar, foi se desenvolvendo uma nova relação entre o homem e a natureza. Na mentalidade ilustrada, a natureza, que em outros tempos era objeto de contemplação, passou a ser explorada, a fim de que pudesse ser utilizada em proveito das pessoas. A partir da historiografia utilizada nesta pesquisa, identificamos alguns dos pressupostos do estudo da história natural do século XVIII. Keith Thomas destacou em sua obra:

A motivação inicial para o estudo da história natural foi de teor prático e utilitário. A botânica nasceu como uma tentativa de identificar os “usos e virtudes” das plantas, essencialmente para a medicina, mas também para a culinária e a manufatura. Era convicção geral que cada parte do mundo das plantas tinha sido projetada para servir um propósito humano. Também era de ordem prática as intenções da zoologia (THOMAS, 2010, p. 35-36).

Com base nesse trecho do autor, entendemos que o contexto do desenvolvimento industrial e de novas necessidades que foram emergindo é um dos fatores que contribuiu para que o meio natural fosse entendido a partir de um novo olhar. Entre os novos eventos e comportamentos estavam, a proliferação de indústrias no mundo inglês, a gana da humanidade em se diferenciar dos animais selvagens e a tentativa do homem em medir o grau de civilização dos habitantes. Além disso, houve transformação ainda na relação entre as próprias pessoas. Como Thomas destaca, “alguns homens eram vistos como animais úteis, a serem refreados, domesticados e tornado dóceis; outros

¹⁰ Taxonomia tem origem num vocábulo grego que significa “ordenação”. Trata-se da ciência da classificação aplicada à biologia para a ordenação sistemática hierarquizada dos grupos de animais e de vegetais. Taxonomia trata-se de uma subdisciplina da biologia que é praticada por biólogos que são denominados de taxonomistas. Contudo, existem também naturalistas ou mesmo entusiastas, aqueles que não são especificamente dessa área, que se envolvem em publicações sobre esse tema. Disponível em [Taxonomia - O que é, conceito e definição](#). Acesso em 06 de outubro de 2024.

eram daninhos e predadores, a serem eliminados”(2010, p. 62-63). Nesse ideário de mundo, percebe-se que cada pessoa teria uma finalidade diferente, e a dominação de um grupo sobre a outro seria inevitável. Contudo, cabe dizer, que essa visão de mundo era partilhada por homens brancos do mundo europeu, sobretudo a partir da Ilustração.

No entanto, cabe dizer que, nem todos partilhavam da ideia de separar homem e natureza quando se busca a compreensão e funcionamento do mundo. Nem todas as pessoas achavam que o homem deveria dominar a natureza, e, essa, havia sido criada essencialmente para o servir. Encontramos também nos trabalhos de alguns naturalistas que a compreensão do funcionamento da natureza e da sociedade não se dava de forma separada. Para Auguste de Saint-Hilaire, por exemplo, o entendimento do mundo não se dava separando o estudo da natureza e da sociedade. Apesar de outras variáveis em suas pesquisas sobre a população do Brasil, como a questão racial, figurarem em suas explicações, sua principal ideia era “que o mundo humano seguia uma lógica climática, do meio ambiente de uma forma geral” (CARNEIRO, 2023, p. 11). Percebemos em sua narrativa de viagens sobre o Brasil que a compreensão do mundo humano tinha explicação no mundo natural. Essa forma de compreensão sobre o funcionamento do mundo era também reflexo de concepções teóricas que vigoravam na época em que o botânico viveu.

Ludmilla Jordanova (1995) destacou que entre os temas das ciências do final do XVIII estava a noção de adaptação, e a ideia de que tanto a vida quanto o meio ambiente tinham uma história. Jordanova destaca ainda que determinados campos do saber se apoiaram nas percepções do ambientalismo daquele período. Compreende-se então, que a relação que Saint-Hilaire fazia entre sociedade e natureza teve influência das teorias de história natural e médicas que estavam em voga a sua época. O botânico vivenciou o neohipocratismo, que foi um ressurgimento dos ideais de Hipócrates¹¹, cuja ideia

¹¹ Hipócrates (460 a.C.-377 a.C.) foi um médico grego, considerado o “pai da Medicina”. O “Corpus Hippocraticus”, é compêndio de obras ligadas à medicina, que contém as autorias do grego. Entre os escritos atribuídos a ele, estão os seguintes: Tratado Sobre o Mal Sagrado, Dos Ares, Águas e Lugares, Do Prognóstico, Epidemias, A Medicina Antiga, Aforismos, Da Cirurgia, Das Fraturas, Das Articulações, Das Úlceras e o Juramento. Extraído de: CARNEIRO, *op.cit.*, p. 61.

difundida era:

o clima, a alimentação, os hábitos e os costumes, entre eles, o passado da região, conformavam o povo. Percebemos que Saint-Hilaire também compartilhava dessa perspectiva, pois para ele, as questões naturais e culturais estavam imbricadas. Algumas pesquisas acerca dos relatos de viagem e do trabalho de botânica, em alguma medida, apontam essa relação íntima entre a explicação natural e cultural feita pelo viajante (CARNEIRO, 2023, p.74).

Cabe dizer, que no ideário neo-hipocrático a definição de “clima” correspondia ao meio, o entorno das pessoas. Com o ressurgimento do legado de Hipócrates, revigorou-se as ideias de que as doenças eram causadas pelo ambiente físico e pela mudança das estações. Segundo Luiz Otávio Ferreira (2009), a medicina neo-hipocrática apoiava-se nas relações de causa e efeito entre características do ambiente natural e social, e, ainda, na ideia de que diferentes doenças podiam ser percebidas em uma mesma área geográfica. Percebemos que nesse ideário médico predominou a explicação de viés ambientalista em que a prática médica comportava “a observação sistemática do clima e da geografia das localidades e regiões e, sobretudo, da vigilância ambiental do espaço urbano, em especial ao problema da contaminação e da circulação das águas e dos ares” (FERREIRA, 2009, p.18). Desta forma, ao mencionarmos aspectos climáticos, devemos nos ater ao ideário de clima presentes na bibliografia e fontes aqui analisadas.

Com base no exposto, torna-se imprescindível, identificar os pressupostos da história natural que mais se destacavam em cada contexto experienciado por um viajante-naturalista, pois esses incidirão nas atividades desenvolvidas em seu *métier*. No que diz respeito aos relatos de viagem sobre o Brasil do Oitocentos, vemos refletir, em grande medida, as concepções do Século das Luzes, embora identifiquemos também nessa literatura, alguns aspectos que foram difundidos no Seiscentos. Dessa maneira, evidenciamos, a partir das referências teóricas presentes no campo da história das ciências aqui utilizadas, alguns dos pressupostos e pilares científicos que fizeram parte do desenvolvimento das ciências naturais até chegarmos ao século XIX, época em que o naturalista Saint-Hilaire esteve no Brasil.

Assim como Keith Thomas, o autor Luiz Carlos Soares também destacou

que um dos importantes aspectos da Ilustração na Inglaterra na segunda metade do Setecentos, esteve relacionado às novas necessidades que demandavam o país naquela época, entre eles, o *boom* das atividades industriais. Entretanto, apesar de as pessoas mais interessadas na ideia de aplicação de recursos naturais em proveito do homem terem sido aquelas que se relacionavam com as atividades da indústria, “o interesse pelo conhecimento científico aplicado e experimental transcendeu à esfera dos grandes especialistas e passou a ser cultivado pelos segmentos sociais mais diferenciados [...] que procuravam aplicar esse novo conhecimento às necessidades diversas” (SOARES, 2020, p.13-14). Então, como enquadrar o trabalho desenvolvido por Saint-Hilaire como atividade científica, e o que pode categorizar e distinguir as atividades realizadas por esse viajante como “científica”?

Parafraseando Patrícia Fara (2016), Luiz Carlos Soares destaca que a palavra “cientista” foi cunhada em 1833 e não foi amplamente usada até o final do século XIX. Isso nos mostra que devemos ter atenção ao utilizarmos determinados termos em contextos inapropriados. As práticas científicas do Seiscentos e do Século das Luzes não equivalem a todas as atividades dos homens de ciências do Oitocentos, embora, determinados aspectos dessas reflitam em suas pesquisas. Os elementos identificados em cada produção científica se relacionam com o período histórico em que se deram seus estudos, e o entendimento que cada agente social tinha acerca do trabalho que desenvolvia. Entretanto, nunca uma época é só uma coisa ou outra. Embora consideremos determinados marcos, alguns aspectos de diferentes temporalidades podem se imbricar.

É importante identificar como os ideais ilustrados chegaram ao Brasil. Kury (2011) sinalizou que as Luzes no Império luso coincidiram com o declínio das minas de ouro, a busca por outro tipo de produção e a efervescência na vida política nas Antilhas e na Europa. Esses eventos contribuíram para o processo de racionalização da exploração da natureza brasileira, uma vez que a economia colonial fora afetada. Com base nessa prerrogativa, identificamos uma das motivações para que nas primeiras décadas do Oitocentos muitos viajantes-naturalistas viessem ao Brasil, cujos interesses também atenderiam aos

objetivos de fazer progredir seus países de origem.

Buscamos entender agora, como foram se conformando os espaços identificados como o de desenvolvimento das ciências naturais. Com base nas viagens de exploração, entende-se que as regiões visitadas pelos viajantes-naturalistas já eram locais de desenvolvimento do estudo de história natural, pois antes mesmo que o material resultante das expedições fosse depositado, na região observada o conhecimento já começava a ser produzido. Quando do regresso do viajante, os recursos coletados durante a expedição acabavam sendo enviados aos jardins e museus do Brasil e da Europa. Os museus foram paulatinamente se tornando expressões das ciências naturais. Maria Margaret Lopes ressalta que “os museus de História Natural como um todo oferecem um útil meio para o estudo da essência e da política das Ciências Naturais no século XIX” (1997, p.15). Contudo, a consolidação desses museus se deu na segunda metade do século XIX, e cada vez mais o trabalho que as pessoas realizavam dentro deles foi se configurando como atividades científicas. Conclui-se então, que a região escolhida para a exploração e os locais de depósito e coleção do material de história natural foram locais privilegiados do desenvolvimento científico.

Margaret Lopes (1997) destacou que o Museu Real, criado em 1818 no Rio de Janeiro, apoiava as atividades de ensino de Ciências Naturais. A autora escreve que desde 1830, Custódio Alves Serrão (1799-1873), diretor do Museu entre 1828 e 1847, já planejava reformular aquele espaço, pois considerava que ainda estava muito arraigado seu caráter enciclopedista e de repositório da natureza. Lopes salienta que Serrão contribuiu para que o Museu fosse mais do que isso, passando então a também se encarregar da oferta dos cursos de Mineralogia, Química, Física, Botânica e Zoologia, disciplinas que na época ainda eram vistas como acessórias na Faculdade de Medicina e na Escola Militar. Porém, cabe ressaltar que, isso tudo foi um longo processo.

Segundo Lopes, esses espaços foram se modificando ao longo do século XIX. Nos anos de 1870, a autora salienta que o botânico Ladislau Netto (1838-1894)¹² estabeleceu novos fins para os museus, que se destinaria às coleções

¹² Ladislau de Souza Mello Netto (1838-1894) foi um [botânico](#) brasileiro, diretor do [Museu](#)

das riquezas do país, a fim de de se introduzir na população o gosto pelas pesquisas científicas. Além disso, a autora ressalta que Ladislau Netto oficializou o cargo de viajante-naturalista. Como isso, entende-se que a institucionalização dessa profissão foi contribuindo cada vez mais para a institucionalização da própria história do Brasil. O projeto de uma história nacional brasileira, por sua vez, se tornou um dos elementos chave para o estabelecimento de uma ciência local a partir da segunda metade do século XIX. A institucionalização das atividades ligadas à história natural desenvolvidas em espaços museológicos se estendeu até o século XX, período em que esses espaços já eram vistos como locais de produção científica.

Com base nesses estudos que foram apresentados na primeira parte desta pesquisa, começamos a identificar e compreender alguns dos elementos presentes nos registros das viagens e outras produções de Saint-Hilaire. Além disso, passa-se a compreender o contexto em que se desenvolveu tanto a viagem quanto a escrita de seus textos sobre o Brasil. Torna-se importante agora, compreendermos melhor a motivação desse personagem em realizar aquele tipo de estudo em seu *métier*, que acabou ultrapassando o campo da história natural, mas que também muito nos informou sobre a sociedade e cultura do Brasil.

No início do Oitocentos, muitos viajantes-naturalistas estrangeiros como, Friedrich Sellow (1789-1831), Johann Baptist von Spix (1781-1826), Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), Johann Baptist Emanuel Pohl (1782-1834) e outros, também estavam realizando viagens pelo Brasil. Suas preocupações eram sobretudo, os estudos que visassem a administração de forma racional dos recursos naturais, além de medir em algum grau, o tipo de civilização encontrada no Brasil. Dessa maneira, se tornou um objetivo muito importante para Saint-Hilaire, a publicação e comunicação dos resultados de suas pesquisas sobre o país o mais rápido possível, pois muitos naturalistas já estavam realizando estudos similares aos dele. Com isso, ele pretendia ter prioridade na descrição de determinados recursos naturais, se distinguir dos demais viajantes e se legitimar no universo científico.

[Nacional do Rio de Janeiro nos anos de 1870.](#)

2. ASPECTOS PRESENTES NO MÉTIER DE UM VIAJANTE-NATURALISTA

Antes de relacionarmos os pressupostos de história natural que acabamos de apresentar aos estudos presentes nas narrativas de viagens e em outras produções de Saint-Hilaire sobre o Brasil, tornou-se necessário compreender melhor suas principais motivações em se dedicar também, no bojo de suas pesquisas botânicas, aos estudos socioculturais do país. Para isso, buscamos identificar os aspectos presentes nessa literatura e o contexto em que as ciências naturais foram sendo introduzidas no Brasil.

O Reformismo Ilustrado, também conhecido como Despotismo Esclarecido foi um movimento em que diversas reformas foram realizadas em Portugal, cujo objetivo era reformar o Estado Absolutista e fortalecer o reino. Sebastião José de Carvalho e Melo, mais conhecido como Marquês de Pombal (1699-1782), secretário de Estado de Portugal, entre 1750 e 1777, por meio de suas ações reformou a administração e a política, aumentou impostos, controlou despesas, além de tirar gradativamente das ordens religiosas o monopólio da educação. Essas transformações, também chamada de Reformas pombalinas, orientaram diversas políticas do universo colonial Atlântico. Na segunda metade dos Setecentos, alguns intelectuais brasileiros, como, Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815), entre 1775 e 1780 e José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838), entre 1784 e 1790, foram estudar em Coimbra. Esses homens tiveram seus estudos marcados por ideais iluministas e pela ênfase nas ciências naturais, que começou a ser desenvolvida após as Reformas de Pombal. Segundo Fernando de Azevedo (1994), em 1772 a Faculdade foi reorganizada por Pombal. Em 1791 foram introduzidos os cursos de botânica, geologia, mineralogia e metalurgia. Diante disso, entendemos que os acontecimentos ligados ao universo científico na colônia se projetaram também sobre o painel onde se desenhou o Iluminismo europeu e os efeitos das reformas pombalinas.

A autora Maria Amélia M. Dantes (1988) ao caracterizar as fases pelas quais passou o processo de introdução das ciências naturais no Brasil, também

destacou a formação de intelectuais do Brasil em Portugal. A autora sinalizou duas fases da implantação da ciência no país. A primeira, era composta pelos estudantes que se formaram em Coimbra, que a partir da segunda metade do século XVIII passaram a difundir na colônia ideais de valorização das ciências naturais enquanto fator de progresso. A autora destacou que a segunda fase do processo de introdução das ciências naturais no Brasil se deu a partir da ciência experimental no final do Oitocentos. Essa ciência consiste na investigação e compreensão dos fenômenos por meio de experimentos, incluindo a formulação de hipóteses, o planejamento do experimento, a coleta de dados, a análise dos resultados e a interpretação dos resultados obtidos. Percebe-se que elementos encontrados nessas duas fases destacadas por Dantes, foram conformando as atividades do trabalho de história natural no Brasil. Contudo, cabe dizer que, o desenvolvimento científico no país no Oitocentos, não é só mero reflexo dos ideais ilustrados europeu, mas, se forjou em consonância com os acontecimentos que se deram no próprio país, como a mudança da capital para o Rio de Janeiro (1763), o auge da produção cafeeira (entre o início do século XIX e o início do XX) e a crise do sistema monárquico e a implantação da República (1889), entre outros.

As atividades que seriam desenvolvidas pelos naturalistas passaram a constar em obras que definiam qual era o objeto da história natural e das ciências compostas por ela. Miriam Moreira Leite sinaliza que no verbete sobre história natural na “Encyclopedie ou Dictionnaire Raisonné de Diderot e D’Alambert¹³” foram elencadas as atividades científicas que deveriam ser realizadas pelos viajantes-naturalistas. A autora salienta que “a história natural abrange todo o universo [...]. Os naturalistas de forma geral deveriam observar o estado das povoações e indagar a sua história [...] a fim de tirar alguma utilidade” (MOREIRA LEITE, 1995, p.07-08). Esse estudo trazido pela autora vai ao encontro sobre o que identificamos nas narrativas de viagem de Saint-Hilaire sobre o Brasil, estudos que foram além do tema específico da botânica, zoologia, mineralogia,

¹³ A Enciclopédia ou Dicionário Racional de Ciências, Artes e Ofícios é uma enciclopédia francesa, publicada de 1751 a 1772 sob a direção dos filósofos franceses Denis Diderot (1713-1784) e, parcialmente, de Jean Le Rond d’Alembert (1717-1783) e Louis de Jaucourt (1704-1779).

geologia, astronomia e geografia, mas relataram ainda sobre religião, costumes, artes, economia, comércio, alimentação, medicina, entre outros.

Ainda sobre a literatura que deveria informar sobre o trabalho a ser executado por um naturalista, se encontram os manuais. Francisca Hisllya Bandeira Cavalcante ressalta que os manuais de história natural eram um dos pressupostos do Iluminismo, pois “escrever e narrar as experiências adquiridas nessas viagens era uma prática constante e aconselhável, sendo sugerida nos manuais de história natural produzidos pela ciência do século XIX” (2013, p.13). Portanto, o diário de viagens de Saint-Hilaire obedeceu a um padrão de literatura, típicos de sua época. Veremos na sequência, outros aspectos desse tipo de produção.

Rachel Pinheiro (2024) elencou as etapas que envolvem as viagens dos naturalistas: 1-o preparo, como a escolha do destino, do material para o trabalho de botânica (facas, cordas), do material de registro visual (para realizar os desenhos); 2- a viagem em si; 3- a literatura produzida sobre a viagem. A autora destacou que em meados do século XIX se desenvolveram outras técnicas envolvendo a história natural. Parafraseando Jardine *et al* (1996), Pinheiro destaca, que a história natural era uma prática social e que envolvia diversas habilidades, como a capacidade de transmitir informações para outras pessoas. Sendo assim, diferentemente dos viajantes dos séculos XVI e XVII, que rumavam ao desconhecido e em busca da natureza pictórica, Marie-Noëlle Bourguet ressalta que a partir da Ilustração, os exploradores viajariam

em cumprimento de uma missão organizada que conta com financiamento de um príncipe, de um grupo de comerciantes, de uma instituição científica ou missionária, com objetivos precisos nascidos de um conhecimento geográfico provisório e das expectativas de uma época” (BOURGUET, 1992, p.212).

Cabe então, compreender qual a intenção desses naturalistas ao buscar de informar sobre os aspectos da natureza e da sociedade do Brasil de forma mais precisa possível, deixando transmitir muitas vezes, seu desejo em fazer com que o leitor sentisse como se estivesse na viagem, vendo tudo o que eles “viram com seus próprios olhos”.

Pinheiro destaca que na tentativa de homogeneizar o naturalista “tentou-se excluir o fator subjetivo [...], como consequência de uma padronização [...].



Buscavam, acima de tudo, diminuir a tensão entre o sujeito observador e o objeto observado” (2024, n.p). Dessa maneira, identificamos que isso foi uma estratégia muito importante que os viajantes-naturalistas adotaram, a fim de que suas viagens ganhassem materialidade, que nesse caso seria alcançada com a escrita e publicação do diário de viagem. Esse tipo de produção deveria ser construído de modo a provocar interesse em outras pessoas, nesse caso, pessoas inseridas naquele universo científico. A forma de fazer com que outros estudiosos se interessassem pelos relatos de viagens e outras produções envolveu, portanto, uma seleção estratégica do tipo de informação que deveria constar deles.

Entre os temas que encontramos nos diários de Saint-Hilaire, que serão aqui destacados, estão o das doenças e as práticas de cura usuais no Brasil. Identificamos que esse assunto ocupou bastante lugar nas descrições desse viajante. Em muitos momentos, o vemos questionar a forma de a população do Brasil utilizar seus recursos naturais, seja para tratamento de doenças ou para outras finalidades. Percebendo que Saint-Hilaire escreveu bastante sobre esse tema, coube-nos a partir de agora, identificar quais estudos e concepções de história natural e médicas ele utilizou para embasar e fundamentar pesquisas dessa natureza. Analisando os relatos de viagens e outras produções que apontamos anteriormente, percebe-se que, além das correspondências que mantivera com estudiosos europeus, Saint-Hilaire utilizou informações conseguidas com os povos indígenas, com outros homens de carreiras notáveis contemporâneos a ele e com outras pessoas estabelecidas nas regiões, sem que tivessem necessariamente formação acadêmica.

Nas anotações de Saint-Hilaire inclui-se, testemunhos dos nativos e de outras fontes, como relatos de outros viajantes, a análise de periódicos de época, como “O Patriota” e “Correio Braziliense”, e referências de historiadores e outros estudiosos de assuntos relacionados ao Brasil. Jean-Marc Drouin (2021) ressalta que para a identificação e reconstrução da fisionomia da vegetação, o francês levou em conta o vocabulário dos habitantes, além de integrar a dimensão do tempo em suas observações. Isso também ocorre quando tenta fundamentar seus estudos sobre doenças e práticas de cura, pois nota-se que ele leva em

consideração as informações dadas pelos habitantes das regiões para as quais viajou. Saint-Hilaire destacou alguns dados obtidos acerca de uma das plantas que considerou estar entre as setenta mais importantes no Brasil, a *Simaruba versicolor*, *Paraíba*, segundo ele, isso correspondia ao nome indígena "*para*" diversidade e "*iba*" era árvore. O botânico escreveu com quem adquiriu informações sobre desse recurso natural:

Os habitantes do sertão consideram sua casca em infusão na cachaça um remédio específico para mordida das serpentes venenosas. O que há de certo é que é empregada com grande sucesso para curar as doenças pediculares dos homens e sobretudo a dos cavalos, bastante frequentes nessas regiões. **Um fato que vou relatar acabará de provar a realidade dessa propriedade.** Do sertão ela poderia ser enviada para o litoral e as regiões de mata virgem onde ela não cresce, e substituiria em todo o Brasil os vermicidas mais poderosos. – Sabe-se também que a *Simaruba* de Caiena foi empregada com vantagem como vermicida. **É de se acreditar, segundo o que precede, que nossa planta teria essa propriedade num grau mais elevado ainda. Alguns habitantes do sertão** me disseram, é verdade, que a consideravam um veneno; mas é provável que se ela é perigosa para o homem, como a maior parte dos amargos, é somente quando em dose forte demais ou quando se faz dela um uso errado. É evidente, aliás, que uma simples suposição desse tipo **deve levar a não fazer tentativas senão com as precauções necessárias** (SAINT-HILAIRE, 2013, p.39-42, grifos nosso).

Com base nesse trecho, vê-se claramente que Saint-Hilaire indagava aos habitantes sobre os assuntos que poderiam auxiliar suas pesquisas. De igual modo, percebemos que essas informações eram acompanhadas das considerações do botânico, sobretudo quanto a forma de utilização de determinados recursos naturais pelos habitantes do Brasil, e isso é recorrente em seus textos. Nos estudos do viajante percebemos seu esforço em fundamentar o que descrevia também a partir de obras editadas no próprio Brasil. O resumo histórico dado por Saint-Hilaire para a Província de Minas¹⁴, em que procurou descrever como era a região desde o momento de sua fundação,

¹⁴ Ver SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. – 2. Ed.- Belo Horizonte- MG: Itatiaia, 2019. p.46.

está baseado nos estudos do historiador, eclesiástico e político do Brasil, José de Sousa Azevedo e Araújo Pizarro (1753-1830). Saint-Hilaire destacou em suas notas explicativas a consulta que fez à obra de Pizarro, “Memórias históricas do Rio de Janeiro e das províncias anexas à jurisdição do Vice-Rei do Estado do Brasil, dedicadas a El-Rei Nosso Senhor D. João VI (1820)”. Essa publicação foi dividida em dez volumes e trata a história do Brasil no período colonial sob a ótica documental e descritiva. Esse aspecto descritivo em suas narrativas de viagem então, seguia então, a um padrão estético de estudos do mesmo período, que é o caso da obra escrita pelo Monsenhor Pizarro.

Além da interação e da troca de informações entre o francês e diversas pessoas, e a utilização de inúmeras fontes sobre o Brasil, Saint-Hilaire também contou com ajuda das pessoas do Brasil para o recolhimento dos próprios recursos naturais que tomava nota. Além disso, os habitantes os ajudavam em seus deslocamentos pelas regiões desconhecidas por ele. Dessa forma, para compreendermos os aspectos presentes no *métier* desse viajante temos que levar em consideração os saberes angariados com múltiplos atores sociais, estudos feitos a partir de fontes publicadas no Brasil e todas as coisas que contribuíram, em alguma medida, para que os objetivos pretendidos com as viagens exploratórias pudessem ser alcançados.

Nos relatos e estudos sobre o Brasil feitos por Saint-Hilaire, e outros viajantes contemporâneos a ele, percebemos que após tomarem as notas das informações trocadas com outras pessoas durante a viagem, eles “tentavam cruzar os testemunhos e duvidavam dos casos fantásticos que frequentemente ouviam” (KURY, 2009, p.202). Com base na recorrência de intelectuais europeus mencionados nos textos de Saint-Hilaire, nos parece que ele se inspirou com mais intensidade nas concepções científicas partilhadas por esses homens do que em outros saberes adquiridos de outras maneiras. Ainda assim, podemos dizer que o conhecimento presente na produção do francês integrou estudos tanto da cultura modernizante europeia quanto aqueles que se deram no Brasil, conforme as passagens que estão sendo destacadas nesta pesquisa.

Ao que se refere às influências de estudos desenvolvidos na Europa nos trabalhos de Saint-Hilaire, Jean-Pierre Vittù (2021) salienta que na juventude, o

francês tinha ido à Alemanha aprender técnicas de refino, pois como já mencionamos, sua família por parte materna pertencia ao ramo de comércio açucareiro em Orléans. Ainda segundo o autor, o aprofundamento na prática do idioma alemão lhe permitiu familiarizar-se com as obras de Alexander von Humboldt (1769-1859)¹⁵. Dessa forma, sua maneira de conceber determinados aspectos do Brasil encontrou eco no referencial teórico sobre estudos da natureza e sociedade presentes nas obras desse intelectual. Kury destaca que para Humboldt, “o conjunto de cada paisagem compõe o caráter específico de seus habitantes, mesmo que todos os povos formem uma só humanidade” (KURY, 2014, p.169). Esse trecho deixa evidente que esse naturalista entendia que o ambiente, o meio natural influenciava nas características morais das pessoas.

Com base nisso, selecionamos um trecho da obra de Saint-Hilaire intitulada *Viagens pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*, em que percebemos o reflexo dessa relação entre natureza e sociedade:

O calor moderado que faz em Tijuco torna raros a lepra e a elefantíase, enquanto a inconstância da temperatura multiplica as gripes e bronquites. Outras afecções mórbidas são comuns no Distrito dos Diamantes; mas não é ao clima que devemos atribuí-las; elas são oriundas dos vícios e costumes dos moradores da região (SAINT-HILAIRE, 1941, p. 42).

Nessa passagem, Saint-Hilaire relacionou a lepra e a elefantíase com o calor da região do Tijuco¹⁶. O neo-hipocratismo foi uma das matrizes médicas e da história natural dos séculos XVIII e XIX, período em que o francês viveu. Entre as ideias presentes nesse movimento está a relação entre ar, água e ambiente na explicação do funcionamento do corpo humano, sobretudo sua influência

¹⁵ Alexander von Humboldt (1769-1859) foi um explorador alemão que percorreu a América do Sul, desde Caracas até as fontes do rio Oniroco e desde Bogotá a Quito pela região Andina e as colônias espanholas do México. Na obra “Cosmos” comunicou a excitação intelectual e a necessidade prática da investigação científica. Demonstrou que não poderia haver conhecimento científico sem experimentação verificável. Extraído de <http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/1859-morre-na-alemanha-alexander-von-humboldt/>. Acesso em 06 de outubro de 2024

¹⁶ Embora sua formação tenha ocorrido em função da exploração do ouro, o crescimento e consolidação decorreu da descoberta de diamantes na região, em 1720. Criou-se, então, uma ordem administrativa especial para o território, estabelecida com a Demarcação Diamantina, em 1731, que incluía o antigo Arraial do Tijuco e outros arraiais de extração. [Página - IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional](#)



sobre a saúde e doença. Compreende-se, com base em muitas passagens escritas por Saint-Hilaire similares a que foi destacada, que a principal ideia do francês era de que o mundo humano seguia uma lógica climática, do meio ambiente de uma forma geral. O francês pode ter se inspirando, assim como Humboldt, no ideário hipocrático, pois no período em que ele viveu houve uma espécie de ressurgimento dessas ideias. Contudo, além desse determinismo ambiental na explicação das doenças, nas publicações de Saint-Hilaire vemos que ele buscou explicações sobre o clima das regiões também com outras pessoas nelas estabelecidas. Em sua *Viagem ao Rio Grande do Sul* Saint-Hilaire escreveu:

Após as refeições, **mantinha longas conversas com o senhor Paulette**, homem sensato, inteligente e de sentimentos nobres. **Tive assim um prazer** de que estava privado há muito tempo: o de **poder comunicar minhas ideias** a um homem capaz de ouvir-me e de satis fazer-me o espírito, enquanto, por sua vez, me transmite suas ideias. [...] **Segundo o testemunho dos moradores** daqui, **inclusive o do padre**, o mês de fevereiro é regularmente o mais quente do ano; no inverno, faz tanto frio a ponto de ne var. O vento norte traz chuvas, o do Sudoeste, tempestades e às vezes granizo, enquanto o bom tempo é, de regra, acompanhado do vento leste. (SAINT-HILAIRE, 2002, p.337, grifos nosso).

Nessa passagem, Saint-Hilaire ressalta que – quando estava numa região, nas Margens do Rio Butuí, afluente do Rio Uruguai, localizado no Rio Grande do Sul– manteve conversas com um Coronel, o Sr. Paulette. Nota-se que ele menciona ainda as informações sobre o clima local que lhes foram dadas por um padre e por moradores dali.

Ainda buscando informações sobre o clima das regiões que percorria, em uma nota Saint-Hilaire relata uma situação observada em sua *Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela província de Goiás (Tomo primeiro)*”. O viajante citou o Dr. Joseph François Xavier Sigaud (1796-1856), um importante médico que escreveu a obra *Du climat et des maladies du Brésil*, cujo texto esclarece que,

a picada de cascavel cura a lepra e não mata o doente. Decidiram deixar um leproso Mariano José Machado a se deixar morder no Rio de Janeiro por uma cobra cascavel e sucumbiu ao cabo de 24 horas. **Sigaud** concluiu que os sintomas que se manifestaram, que a ação do veneno modifica a pele e que

podem esperar os mais felizes resultados duma inoculação feita com prudência (SIGAUD, p. 387 *apud* SAINT-HILAIRE, 1944, p.145, grifo nosso).

Essa passagem nos revela que o botânico consultou a obra de Sigaud para compreender um caso de um homem doente de morfeia e que havia sido picado por uma cobra cascavel na região de Caeté¹⁷. Segundo Saint-Hilaire, deram ao homem amônia e ele ficou curado da picada de cobra, além de todos os sintomas da hidrofobia terem cessado, desaparecendo em pouco tempo também a elefantíase. Nota-se que após a observação acerca da prática de cura adotada no homem doente daquela região, o botânico buscou informações para identificar se o que observou era o mais correto a se fazer. Nesse caso, ele utilizou as considerações do médico franco-brasileiro, que foi muito importante na literatura médica brasileira. Com isso, entendemos que após as viagens, Saint-Hilaire incorporava às suas narrativas, outros estudos, a fim de fundamentá-las. Isso também nos mostra que o relato de viagem não equivale integralmente à viagem, pois ao regressar, os viajantes incorporavam-lhe outros aspectos a partir de novos estudos, pesquisas e até mesmo correções de dados informados em obras de suas autorias publicadas anteriormente.

Em sua obra de botânica *Plantas Usuais dos Brasileiros*, de 1824, Saint-Hilaire também adicionou informações de outros agentes sociais para complementar o estudo de determinadas plantas. Ao descrever sobre a *Cephaelis Ipecacuanha* – conhecida também como “Poaya do Mato”, e que segundo ele se localizava nas regiões de Pernambuco, Bahia, Minas, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Sul de São Paulo, ilhas do Paraíba e às margens dos rios Rio Xipotó e Pomba – o francês ressalta:

A descoberta da Ipecacuanha é devida aos **índios brasileiros**. **Marcgraff e Piso** foram os primeiros que a fizeram conhecer na Europa e a experiência logo confirmou os elogios que haviam feito a este precioso remédio. No entanto, como sua descrição era muito incompleta, serviu-se, durante longos anos, da Ipecacuanha sem saber a que planta era preciso se reportar. Enfim, em 1800, o doutor **Antônio Bernardino Gomes** mostrou exemplares dela, cheios de flores, na Europa. **Brotero** as descreveu e as inscreveu nos atos da Société Linnéenne de

¹⁷ Atualmente é um município brasileiro no estado de Minas Gerais, Região Sudeste do país. Localiza-se na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Londres e pôs assim um fim às incertezas dos médicos e dos naturalistas (SAINT-HILAIRE, 2013, p.44-45, grifos nosso).

Identifica-se que, para embasar seus estudos sobre as propriedades da “Poaya do Mato”, o francês mencionou os indígenas do Brasil; os viajantes neerlandeses Georg Marcgraf (1610-1644) e Willem Pies (1611-1678), que viveram muitos anos no Brasil quando da ocupação holandesa no século XVII; um médico e botânico português Bernardino Antônio Gomes (1768-1823), que realizou estudos importantes sobre plantas medicinais brasileiras; um botânico português, Félix de Avelar Brotero (1744-1826). Percebemos que foram elencados diferentes saberes na obra de Saint-Hilaire sobre as propriedades das plantas utilizadas para diversas finalidades no Brasil. Baseado nesse trecho, dizemos que o tipo de conhecimento presente em seu *métier* e nos relatos abarcou agentes e multifacetados e estudos de diversas esferas. Entretanto, para o estudo de história natural, Saint-Hilaire recorria mais aos estudiosos que na época já eram reconhecidos no mundo científico, distinguindo-os daquelas pessoas que os ajudou com informações, mas que não pertencia ao seu universo científico. Identificamos essa diferenciação na forma como a qual ele se referiu a determinados personagens:

M. Vauquelin fez a análise da casca de S.pseudoquina e considerou que ela continha principalmente: 1º uma matéria amarga que forma a maior parte de seus princípios solúveis, e que, segundo nosso **ilustre** químico, parece ser aquela na qual residem as propriedades febrífugas (SAINT-HILAIRE, 2013, p.19, grifo nosso).

Ao se referir ao químico e farmacêutico francês Nicolas Vauquelin (1763-1829), Saint-Hilaire utilizou o adjetivo, “ilustre”. Essa forma valorosa em referenciar intelectuais estrangeiros é recorrente em seus estudos. É possível perceber em outra passagem essa forma diferenciada que em mencionar outro estudioso europeu:

Segalas, médico e **hábil** experimentador, constatou também que o princípio amargo de S. pseudoquina, quando injetado nas veias dos animais, produz efeitos diferentes daqueles determinados pela estricnina. Ele constatou também, por experiências, que esse mesmo princípio amargo tem uma atividade muito mais fraca que o extrato alcoólico da noz-vômica, e sobretudo que a brucina e a estricnina, e embora se torne venenoso ingerido em certa quantidade, como muitas outras

substâncias usadas em medicina, ele pode ser administrado sem o menor temor nas doses em que é empregado habitualmente, e mesmo em doses mais fortes. Assim, mesmo que o uso feito por grande parte dos brasileiros, há tantos anos, da casca de *S. pseudoquina*, não tivesse demonstrado que está muito longe de ter qualquer inconveniente para a saúde, **poderíamos estar, quanto a isso, inteiramente seguros pelas experiências que acabo de citar** (*idem*, grifo nosso).

Saint-Hilaire utilizou o adjetivo “hábil” para se referir ao médico europeu que havia realizado experimento com a “Quina do campo”. O viajante salientou o estudo desenvolvido sobre o uso desse recurso em proveito da saúde, feito pelo médico europeu, Segalas. Saint-Hilaire ressaltou que aquele “hábil experimentador” constatou que a planta poderia ser empregada em doses mais fortes sem causar prejuízo aos habitantes do sertão de Minas Gerais, uma das regiões em que a “Quina do campo” foi localizada. Além disso, o botânico francês registrou como o recurso foi utilizado pelos habitantes do Brasil. Com isso, entende-se que o francês buscava fundamentar seus estudos por meio de diversas formas, observando os habitantes do Brasil na utilização dos recursos naturais e buscando compreendê-los, sobretudo, a luz dos estudos feitos por intelectuais europeus.

Embora o maior destaque às concepções de cientistas estrangeiros nos trabalhos de Saint-Hilaire, conforme as passagens aqui apresentadas, percebemos que foram muitos os saberes que o ajudaram a formular suas pesquisas sobre o Brasil. A produção do conhecimento desse botânico foi construída em conjunto com diversas pessoas e referências, pois conseguimos perceber nela as informações de grupos e estudos teóricos multifacetados na construção do saber. Assim como as transformações de diversas esferas que foram ocorrendo no Brasil e no mundo, o conhecimento refletido no trabalho desse viajante-naturalista obedeceu a esses contextos e mudanças, além das concepções de mundo que possuía cada agente que contribuiu para suas pesquisas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os elementos presentes nos relatos de viagem e em outros estudos de

Saint-Hilaire sobre o Brasil, correspondem ao conjunto de relações que o uniu tanto a pessoas e pesquisas situadas no mesmo campo de atuação dele, quanto a outros agentes com os quais se deparou no seio de seu *métier*. As atividades do campo da história natural e dos viajantes-naturalistas foram se estruturando de acordo com determinado espaço-tempo. Saint-Hilaire não tinha como grande mote de sua viagem ao Brasil, o retorno financeiro, mas, procurava seu lugar na sociedade a partir da contribuição que pudesse dar para o desenvolvimento da humanidade, ideário muito propagado no período ilustrado. Apesar de percebemos que na “ciência” presente no trabalho de Saint-Hilaire refletem as concepções advindas do Século das Luzes, podemos perceber também, que as bases da visão de mundo desse período já vinham sendo forjadas desde o século que o antecedeu. Dessa maneira, alguns aspectos científicos no trabalho de Saint-Hilaire foram conformados em diferentes temporalidades.

Enquadrar esse viajante como profissional no âmbito científico, nas primeiras décadas do século XIX, ainda não é algo simples, uma vez que se entende que para o estabelecimento de uma profissão, determinadas pessoas devem gozar de uma *expertise* específica, além de reivindicar o monopólio de suas atividades. Entretanto, os estudos de Saint-Hilaire nas primeiras décadas do Oitocentos foram mais abrangentes. Ao longo das viagens, o botânico ultrapassou a área de botânica e construiu uma literatura bastante vasta sobre povoação, história e muitos outros aspectos que achou serem dignos de nota. Portanto, o fazer “científico” daquele viajante-naturalista e de outros contemporâneos a ele, obedeceu ao padrão típicos de sua época.

Entendemos que nas pesquisas tanto botânicas quanto da sociedade e cultura do Brasil, Saint-Hilaire contou com a participação de indivíduos que nem sempre tinham conhecimento botânico, mas que também integraram o trabalho desenvolvido pelo naturalista, como habitantes de outras carreiras no Brasil, outros cientistas europeus de mesma “formação”, os povos indígenas das regiões que visitou e de outros agentes. Embora identifiquemos em suas produções o predomínio das concepções de mundo eurocêntricas, para desenvolvimento de suas pesquisas sobre o Brasil, sobretudo acerca da história natural, Saint-Hilaire contou com saberes que circulavam em diversos espaços.

Seus relatos e estudos sobre o Brasil, portanto, foram construídos de forma dialógica, reunindo diversas perspectivas, vozes e atores sociais.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fernando de. (org.). **As Ciências no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. v.1.

BOURGUET, Marie-Noëlle. O explorador. In: VOVELLE, Michel (dir.). **O homem do Iluminismo**. Laterza & Figli Spa, Roma- Bari. 1992.

CARNEIRO, Renata. **A relação entre natureza e sociedade nos relatos de viagem de Auguste de Saint-Hilaire sobre Minas Gerais e Goiás (1816-1822)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação de História da Saúde e das Ciências da Casa de Oswaldo Cruz/ FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 2023, 153 p.

CASTAÑEDA, Luzia Aurelia. História natural e as ideias de geração e herança no século XVIII: Buffon e Bonnet. **História, Ciências, Saúde– Manguinhos**, II (2), 33-50 Jul.-Oct.1995.

CAVALCANTE, Francisca Hisllya Bandeira. Ciência brasileira em ação: natureza e história nas investigações da Comissão Científica de Exploração (1859-1861). **Cadernos de História da Ciência**, São Paulo, v.9, n.2, 2013, pp. 11-41. Disponível em: <https://periodicos.homolog.saude.sp.gov.br/index.php/cadernos/article/view/34307/33003>. Acesso em 11 set. de 2024.

DANTES, Maria Amélia M. Fases da implantação da ciência no Brasil. **Quiqu-Revista Latinoamericana de Historia de las ciencias y de la tecnologia**, v.5, n.2, p. 266-275, 1988.

FARA, Patricia. **Newton: the making of genius**. Primeira Edição de 2002, Londres-Nova York: Macmillan-Columbia University, Press, 2016, p.13.

FERREIRA, Luiz Otávio. Introdução. In: SIGAUD, J.F.X. **Do clima e das doenças do Brasil ou estatística médica deste império**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009. 494p.il.,tab. (Coleção História e Saúde; Clássicos e Fontes).

JARDINE, N; SPARY, E.C. The natures of cultural history. In: JARDINE, N; SECORD, J.A.; SPRAY, E.C (eds.). **Cultures of natural history**. Cambridge: University Press, 1996. p.3-13.

JORDANOVA, Ludmilla. Earth science and environmental medicine: the



synthesis of the late Enlightenment. **Images of the earth**: essays in the history of the environmental sciences. JORDANOVA, Ludmilla; PORTER, Roy (edited). BRITISH SOCIETY FOR THE HISTORY OF SCIENCE. 1995.

KURY, Lorelai. As mil vozes da natureza. In: KURY, Lorelai (org.) **Representações da fauna no Brasil, séculos XVI-XX**. Rio de Janeiro, A. Jakobsson, 2014.

KURY, Lorelai. Traços biográficos. In: BARBO, Lenora de Castro (organizadora). **Uma viagem pelo sertão: 200 anos de Saint-Hilaire em Goiás**. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2021.

KURY, Lorelai. **Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar**. p.1-11. 2003. Disponível em <http://www.arca.fiocruz.br>.

KURY, Lorelai. Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810). **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 11, supl.1, 2004, pp.109-129. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/GL9GPgHLcpNLsdyv7hqDY4N/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 11 set. de 2024.

KURY, Lorelai. A ciência útil em O Patriota (Rio de Janeiro, 1813-1814). **Revista Brasileira da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 115-124.2011.

KURY, Lorelai. Botany in war and peace: France and the circulation of plants in Brazil (late eighteenth and early nineteenth century). **Portuguese Journal of Social Science**, v. 16, n. 1, p. 7-19, 2017.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as Ciências Naturais no século XX**. São Paulo: Hucitec, 1997.

MARC DROUIN, Jean- Aspecto de uma notoriedade. In: **Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) um botaniste français au Brésil**. [em ligne]. Paris: publications scientifiques du Muséum, 2016 (généré le 23 septembre 2021).

MOREIRA LEITE, Miriam L. Travel naturalists. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, I (2): 7-19, nov. 1994-feb. 1995.

PINHEIRO. Rachel. **Aspectos das produções textuais nas viagens científicas**. Disponível em: [ASPECTOS DAS PRODUÇÕES TEXTUAIS NAS VIAGENS CIENTÍFICAS \(triplov.com\)](http://www.triplov.com). Acesso em 28 set. de 2024.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela província de Goiás. Tomo primeiro**. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1944. 160 – SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem às nascentes do Rio S. Francisco e pela província de Goiás. Tomo segundo**. Companhia Editora Nacional: São Paulo: 1937.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pelo Distrito dos Diamantes e litoral do Brasil**: com um resumo histórico das revoluções do Brasil desde chegada de D.



João VI à América à abdicação do Imperador D. Pedro. Tradução de Leonam de Azeredo Pena. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul. Brasília** : Senado Federal, Conselho Editorial: 2002, 575 p. -Viagem ao Rio Grande do Sul (senado.leg.br).

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. – 2. Ed.- Belo Horizonte- MG: Itatiaia, 2019. 380 p.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Plantes usuelles des brasiiliens*. In: BRANDÃO, Maria G. Lins; PIGNAL, Marc (editores). **Plantas Usuais dos Brasileiros. Auguste de Saint Hilaire**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourao e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2013. Disponível em: https://www.ufmg.br/mhnbj/ceplamt/wpcontent/uploads/2014/02/miolo01032014_final.pdf. Acesso em 13 set. de 2024.

SILVA, Katia Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

SOARES, Luiz Carlos. **A filosofia natural e experimental na Inglaterra do século XVIII**: um diálogo com a historiografia acerca de “Ciência” na “Era das Luzes”.-1.ed.-Rio de Janeiro:7Letras,2020.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**. São Paulo: Companhia das Letras. 1983.

VARELA, A.G.; LOPES, M.M.; FONSECA, M. R. F. da. Naturalista e homem público: a trajetória do ilustrado José Bonifácio de Andrada e Silva em sua fase portuguesa (1780-1819). **Anais do Museu paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v.13, n.1, 2005, pp.207-234. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/cxNbFYSY4DLqYyGcRsZYNhH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 13 set. de 2024.

VITTÙ, Jean Pierre. O inspirador Saint-Hilaire. IN: SANTOS JR., Amador dos (Org.). **Minas gerais e Orleans**: olhares no Caminho Saint-Hilaire. Belo Horizonte: Ramalhete, 2021. 215 p.: il, p&b. color.

Recebido em 05/10/2024.

Aprovado para publicação em 05/12/2024.